

EXPERIÊNCIAS SINGULARES DE PROFESSORES DE LGP: A FORMAÇÃO DE SUJEITOS SURDOS E A INTERAÇÃO ENTRE SURDOS EM ESCOLAS PORTUGUESAS

UNIQUE EXPERIENCES OF LGP TEACHERS: TRAINING DEAF SUBJECTS AND INTERACTION BETWEEN DEAF PEOPLE IN PORTUGUESE SCHOOLS

Verónica Lima da Fonseca Almeida

Instituto Federal de Brasília (Brasil)

E-mail: veronica.almeida@ifb.edu.br

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5331-7736>

Recebido: 19/06/2024

Aceite: 05/09/2024

Publicado: 19/12/2024

RESUMO

Este artigo discute a importância das experiências espontâneas na formação do sujeito surdo e na interação entre crianças e jovens surdos em ambientes linguísticos. Adotou-se a metodologia qualitativa exploratória com estudo de caso desenvolvida com pesquisa de campo por entrevistas com oito professores de Língua Gestual Portuguesa (LGP), em Portugal. Os resultados mostram a importância de ambientes linguísticos na formação inicial do sujeito surdo e a interação entre surdos na escola ao constituírem experiências singulares. As experiências espontâneas influenciaram na formação da identidade surda e profissional.

Palavras-chave:

aquisição da LGP; experiências espontâneas; interação entre surdos; professores surdos

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

ABSTRACT

This article discusses the importance of spontaneous experiences in the training of the deaf subject and in the interaction between deaf children and young people in linguistic environments. It adopts an exploratory qualitative methodology with a case study developed through field research using interviews with eight Portuguese Sign Language (LGP) teachers in Portugal. The results show the importance of linguistic environments in the initial training of deaf people and the interaction between deaf people at school, as they constitute unique experiences. Spontaneous experiences influenced the development of deaf and professional identity.

Keywords:

acquisition of LGP; deaf teachers; interaction between deaf people; spontaneous experiences

Introdução

Em 1997, a LGP foi reconhecida como a língua usada pelas pessoas surdas portuguesas. Esta língua já era utilizada antes pelos surdos, mas não era vista como uma língua de instrução e comunicação na escola.

Na educação contemporânea, a educação de surdos está organizada diferentemente, ao seguir o modelo internacional, adotando a abordagem da educação inclusiva e bilingue. O Decreto-Lei n.º 03/2008, de 7 de janeiro, organizou espaços educativos e estruturou o ensino bilingue, e o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, valoriza o atendimento aos alunos surdos em espaços de referência.

A educação de surdos estruturou-se para ofertar o ensino bilingue, tendo a LGP como a primeira língua, a L1, e o português escrito como a segunda língua, a L2.

Atualmente, a LGP é uma língua de instrução e comunicação no ensino formal para crianças e jovens surdos na escola e na formação de profissionais, docentes e intérpretes, para atuação em diversos espaços públicos.

Ao olharmos para a formação e atuação dos docentes de LGP, em Portugal, observamos que o desenvolvimento da educação de surdos consolidou-se com alterações na organização do ensino.

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

Neste processo, temos o novo quadro da carreira do docente de LGP, o qual foi constituído por profissionais que iniciaram a sua atuação na rede pública como técnicos de LGP. Atualmente, efetivaram como docentes, pois estes “profissionais foram enquadrados pelo Decreto-Lei n.º 16/2018 de 7 de março, que cria o grupo 360, regulamentando a sua atuação como docentes de LGP” (Almeida, 2024, p.164).

As experiências destes técnicos mostram que as suas trajetórias de vida diferem em relação às dos atuais e dos futuros docentes de LGP.

Assume-se aqui a perspetiva sócio-antropológica da surdez (Skliar, 1999), olhando para as trajetórias de vida dos professores de LGP, e tendo em atenção que, para Almeida Filho (1997), as experiências de professores do ensino de línguas supõem a competência implícita ou espontânea, teórica ou formal, aplicada, comunicativa e profissional. Tendo em conta as trajetórias de vida, focamo-nos na competência espontânea desenvolvida nas experiências pessoais e informais, moldada por experiências anteriores, expectativas, crenças e influências de métodos de ensino prévios.

As experiências, segundo Silveira *et al.* (2017), constituem processos formativos que abrangem as relações de interação desde a infância até à formação e atuação profissional.

Para Duranti (1997), a nossa interação com o mundo constitui-se como experiência humana pela prática da comunicação. Na interação, a exposição à linguagem em ambientes linguísticos é importante para a sua aquisição, pela produção da linguagem e interação da criança (Quadros, 1997) que, na vida quotidiana, se expande dominando e seguindo modelos dos adultos (Duranti, 2009).

As relações interativas são importantes ao socializarmos pelo agir e interagir culturalmente através da linguagem. Para Lee e Bucholtz (2015), a interação social com pessoas mais experientes (especialistas) e o iniciante (recém-chegado) poderá colocar as crianças como capazes de exercerem práticas compartilhadas da rotina social e ambiente cultural. Os papéis de especialistas-iniciantes são referidos por Almeida (2021) como sensibilizador linguístico (especialista ao apresentar dispositivos para sensibilizar

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

pelas experiências já adquiridas), e os assimiladores (iniciante como aquele que assimila na interação) no processo da socialização pelo uso da linguagem. Tais experiências espontâneas iniciam-se no contexto da família e na escola, seguindo-se noutros espaços interativos.

Olha-se, assim, para as experiências espontâneas dos professores de LGP, constituídas nas trajetórias de vida tecidas por meio do convívio no grupo familiar e nos espaços escolares como singulares.

Questiona-se como as experiências espontâneas podem contribuir na formação do sujeito surdo e na interação entre crianças e jovens surdos, influenciando a percepção da sua identidade.

Analisa-se se as experiências espontâneas contribuem para formação do sujeito surdo e para a interação entre crianças e jovens surdos, influenciando na percepção da sua identidade singular.

Utilizam-se as narrativas pessoais para se perceber as experiências espontâneas dos participantes com foco nas suas trajetórias de vida.

As experiências dos professores surdos são consideradas como constituidoras de processos formativos de interação social compostas por vivências surdas.

Método

Este artigo é um recorte de um estudo sobre a educação de surdos em instituições de ensino público de referência em Portugal. Adotou-se a metodologia qualitativa (Ludcke, 1986), de natureza exploratória, através do estudo de caso (Yin, 2001).

Apresentam-se dados parciais da pesquisa de campo com professores surdos do ensino de LGP nas cidades de Coimbra, Porto e Lisboa.

Participaram um total de oito (08) professores de LGP, no período de 2017 a 2019. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas presenciais com sete (07) professores, com o trabalho de profissionais intérpretes, gravadas em áudio e transcritas, e uma (01) com envio por correio eletrónico. A participação do profissional intérprete efetivou-se em todas as entrevistas. O intérprete e o entrevistado tiveram acesso às

transcrições, confirmando e realizando ajustes no texto, quando o entrevistado indicou necessidade disso.

Para fins de análise das informações empíricas, as práticas discursivas foram estudadas através da análise da narrativa de posicionamento em pequenas histórias (Bamberg, 2007), as quais são eventos ocorridos e contados na prática interativa (Bamberg & Georgakopoulou, 2008).

Segundo Bamberg (2015), a narrativa é uma prática de interação na qual os sujeitos informam nos eventos os posicionamentos por marcadores linguísticos ao descreverem as situações de interação.

A narrativa interativa foi adaptada por Bamberg (1997) à situação de pequenas histórias pela compreensão de que as práticas discursivas dos sujeitos são socialmente interativas, apoiado na teoria do posicionamento introduzida por Davies e Harré (1990).

Analisámos os resultados transcritos das entrevistas, e verificámos como alguns trechos utilizados preservam a identidade dos participantes. As trajetórias de vida evidenciam trechos de experiências que nos permitiram encontrar as seguintes unidades de sentidos: a formação inicial do sujeito surdo e as experiências na escola.

Resultados

Apresenta-se a caracterização dos Professores de LGP, um total de oito (08) participantes.

Quadro 1. Características dos Professores de LGP

<i>Aspectos</i>	<i>Dados dos professores</i>
<i>Género</i>	(04) masculino e (04) feminino
<i>Idade</i>	33 a 48 anos de idade
<i>Surdez</i>	Causas: (07) adquirida e (01) hereditária Tipos: (07) profunda e (01) severa

Fonte: Elaboração própria em 2024.

Verifica-se que, quanto à questão de género, masculino e feminino se mostraram equivalentes, e a sua faixa etária se situa

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

entre os 33 e os 48 anos, estando a maioria acima de 40 anos. Já quanto à surdez, constatou-se que adveio por causa adquirida para a maioria (ao nascer surdo por situações relativas ao parto ou por viroses como sarampo, caxumba e varicela), e apenas um (01) por hereditariedade. Quanto ao tipo de surdez, identificou-se como profunda para a maioria (acima de 90 decibéis com gravidade que os priva de perceber a voz humana), e um (01) de tipo severa (de 70 a 90 decibéis com alguns ruídos auditivos).

Formação Inicial dos Sujeitos Surdos

Observa-se na formação inicial do sujeito surdo que os modos de interação são representados em dois Polos, um da maioria e o outro da minoria, apresentando aproximações quanto à origem familiar, aquisição da LGP e a participação na Associação de Surdos.

Quadro 2. Os professores surdos, em dois polos

<i>Interações</i>	<i>Polo 1 - Maioria</i>	<i>Polo 2 - Minoria</i>
Origem familiar	(06) Filhos de pais ouvintes	(02) filhos de pais surdos + irmã/irmão surdos.
Aquisição da LGP	(06) informalmente na escola.	(02) no convívio com os pais, familiares e amigos surdos.
Participação na Associação	(06) após os 14 ou 15 anos.	(02) desde cedo pelo convívio junto com os pais.

Fonte: Elaboração própria em 2024.

No Polo 1, na origem familiar de filhos de pais ouvintes, a aquisição da LGP ocorreu de modo informal na escola, e a participação destes na Associação de Surdos decorreu, principalmente, na fase da adolescência. E no Polo 2, com um professor que nasceu com surdez e outro que a adquiriu posteriormente, verificou-se que ambos Têm pais e irmãos surdos, pelo que a aquisição da LGP se efetivou no contexto familiar, e a participação na Associação de Surdos e a interação com surdos de todas as idades se iniciou precocemente.

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

As experiências dos surdos de origem familiar ouvinte mostram que as crianças ficaram a depender das interações informais com outros surdos na escola para adquirir a LGP e interagir com outros surdos. Já as crianças com origem familiar surda mostram experiências surdas precoces através do convívio familiar, o uso da LGP e a interação com surdos de todas as idades.

As experiências de interação nos espaços escolares

As experiências dos professores de LGP revelam-se por lembranças das suas interações quando se iniciaram nas escolas.

Quadro 3. Escolas com surdos e ouvintes

<i>Escolas</i>	<i>Experiências nas escolas</i>
<i>E1 - Com surdos</i>	(04) iniciaram na escola com surdos de várias idades.
<i>E2 - Com ouvintes e surdos</i>	(03) iniciam na escola/com ouvintes, mudaram para escola integrada/com surdos.
<i>E3 - Com ouvintes</i>	(01) sempre estudou com ouvintes (usou aparelho).

Fonte: Elaboração própria em 2024.

O quadro mostra três experiências dos participantes nas escolas: em E1, temos a maior concentração de crianças que estudaram desde cedo com surdos de todas as idades; em E2, temos aqueles que estudaram inicialmente com ouvintes e mudaram para as escolas com surdos; e em E3, temos apenas uma participante que sempre estudou com ouvintes e usou aparelho auditivo.

As experiências de interação entre surdos nas escolas E1 e E2 decorreram entre crianças e jovens surdos que assumiram papéis sensibilizadores ou assimiladores. Os surdos que atuaram como sensibilizadores linguísticos, são filhos de pais surdos que já haviam adquirido a LGP e tinham o convívio precoce com surdos por ligações familiares e na associação. E os surdos filhos de pais ouvintes, desde cedo, estudaram com outros surdos de todas as idades devido a sua interação precoce na escola com outros surdos.

Já como assimiladores aparecem os surdos filhos de pais ouvintes, aqueles que ainda não haviam adquirido a LGP de modo espontâneo e não tiveram convívio com outros surdos, pelo que neste caso a escola foi o espaço inicial da interação.

Os sensibilizadores são os sujeitos surdos que, devido às suas experiências e vivências noutros contextos com surdos, estabeleceram a interação com outros surdos na escola. Os assimiladores agiram iniciando-se no processo da interação descobrindo as práticas sociais surdas, adquirindo a LGP e utilizando outra forma de comunicar-se e identificar-se.

No caso da participante da escola E3, esta foi sensibilizadora com estudantes ouvintes ao longo da sua vida escolar.

Logo, os surdos das escolas E1 e E2, ao estarem no contexto escolar em que a LGP ainda não era uma área disciplinar ensinada na escola, tornaram-se sensibilizadores em experiências espontâneas com outros surdos assimiladores informalmente.

Discussão

As experiências espontâneas mostram posicionamentos (Bamberg, 2016) ligados à formação inicial do sujeito surdo e a interação entre crianças e jovens surdos como contributos na percepção da sua identidade.

A formação inicial dos sujeitos surdos, mostra que a maioria dos participantes apresenta uma origem familiar ouvinte, e a aquisição da LGP e a convivência na associação tardia ocorrem, principalmente, na adolescência (Almeida, 2021).

Os docentes de LGP apresentam trajetórias de vida ligadas à sua identidade, pois as “suas raízes sociais, influências familiares, bem como as experiências escolares são decisivas na sua formação geral” (Farias *et al.*, 2008, p. 60). A narrativa transcrita abaixo mostra o papel da família, do convívio na infância, a associação e o sentimento identitário.

Quando eu era pequena, os meus pais iam conviver com pessoas surdas adultas, iam à Associação de surdos.

Eu sempre convivi e brinquei com filhos de outros surdos

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

adultos, ou outros jovens que tinham também filhos.

Nós brincávamos sempre lá, estávamos no mesmo contexto, a LG estava presente. Eu tinha um sítio onde eu pertencia. (*Entrevistada – LGP, dia 10/04/2019*).

A história dos participantes é constituída por tempos, lugares e condições concretas consolidadas por sua participação, iniciando-se no espaço da família e depois abrangendo outros espaços. A família atua como parte dos grupos de socialização humana, os quais são importantes na formação dos traços culturais, dos costumes, das crenças, dos valores e das práticas sociais.

Estas formas de socialização permitem ao sujeito surdo perceber a sua existência ligada ao conjunto das experiências que são próprias, consolidadas pelas suas vivências. As experiências mostram lembranças do convívio na família e de quando eram estudantes na escola.

A interação familiar e o uso da LGP são relevantes na formação inicial dos sujeitos surdos, embora as trajetórias de vida dos professores de LGP mostrem experiências distintas. Visto que a maioria apresenta surdez adquirida e uma minoria, são filhos de pais surdos e com irmãos surdos. Para Spadafora e Côrte (2013, p. 262), “A surdez é um primeiro traço da identidade (...)”, e revela uma experiência natural da surdez pelas vivências constituídas ao longo da vida.

Eu nasci surdo, sou filho de pais surdos e tenho uma irmã surda. (...). Pais surdos, irmã surda, depois amigos e vizinhos surdos. (*Entrevistado – Nome Gestual, data 10/04/2018*).

A narrativa evidencia a percepção da identidade surda nas experiências constituídas precocemente entre surdos na interação familiar e na exposição e uso da LGP em casa e noutros espaços de convivência com amigos ou familiares surdos.

Já a maioria dos participantes adquiriu a surdez e vem de origem familiar ouvinte, com uma experiência tardia de interação com surdos na escola. Afonso (2008) lembra que é preciso estarmos atentos à forma da construção da identidade surda, salientando o facto de 95% dos surdos serem filhos de pais ouvintes. O

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

diagnóstico da surdez é efetuado tardiamente, o atendimento aos surdos raramente é precoce, e grande parte dos profissionais que trabalham com surdos não é competente em língua gestual.

Assim, a construção da identidade surda ocorre tardiamente e com interferência dos pais ouvintes, que geralmente não interagem com a comunidade surda e não usam a LGP. Segundo Afonso (2008), a convivência destas crianças e jovens na escola com outros surdos ocorre em várias idades, sendo assim, importante para a aquisição da língua gestual e para a construção da identidade.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem devem ocorrer naturalmente para os surdos, iniciando-se precocemente, ou seja, assim que o bebé começa a estabelecer relação com o seu meio. Esse processo acontece de forma natural e espontânea, sem processos de intervenção, pois “A criança adquire a língua na interação com as pessoas à sua volta, ouvindo ou vendo a língua, ou as línguas, que estão sendo usadas” (Quadros & Cruz, 2011, p.15).

A criança experimenta a linguagem em cada momento da interação acionando a sua capacidade para expressá-la mediante o contacto com a língua usada no ambiente. As crianças surdas que têm acesso à língua gestual desde bebés conseguem aprender a estrutura da língua no tempo normal de aprendizagem e aquisição da língua nos primeiros anos de vida (Dorziat, 2011). A criança deve aprender até os 12 anos, mas há surdos que só aprendem a língua de sinais na fase adulta. A interação da criança com a língua gestual no ambiente familiar produz experiências significativas para a sua participação ativa na vida social.

Os participantes do Polo 2 – Minoria, revelam experiências que constituem o horizonte histórico familiar, o qual lhes permite identificar-se como surdos. Esta interação familiar surda conduz a criança surda nas suas primeiras formas de experiências originadas no contexto surdo com os adultos de várias idades.

Já os participantes do Polo 1 – Maioria tiveram acesso à LGP e convívio com surdos na interação escolar com outras crianças e jovens surdos na escola. Estes enfrentaram as maiores dificuldades na constituição da percepção da sua identidade surda e na aprendizagem escolar (Dorziat, 2011). As dificuldades para estes

surdos no ambiente familiar ouvinte, no adquirir a LGP e no interagir com outros, podem ver-se na narrativa seguinte.

Sou surdo profundo e com treino de leitura labial por força das circunstâncias de vida. No período de linguagem e fala, fui estimulado para a oralidade. Aprendi informalmente a LGP nos recreios ao nível do 2.º ciclo, em convívio com pares. Mais tarde, já adulto, fiz curso de formação em LGP na ASP. (Entrevistado – Convívio, data 07/04/2019).

As diferenças na origem familiar mostram as dificuldades dos participantes no acesso à LGP, na interação com surdos, na formação da identidade. O estabelecimento do convívio entre as crianças surdas consolida as experiências com os surdos e as suas práticas sociais, evidenciando perfis de sujeitos surdos heterogéneos.

As interações entre os surdos constituídas nas experiências espontâneas com o uso da LGP reúnem vivências surdas e influenciam na perceção do sujeito surdo sobre si, sobre nós e sobre o outro.

Os sensibilizadores teceram ações constituindo experiências espontâneas significativas de interação no espaço escolar com os outros surdos assimiladores. Nas relações interativas os sensibilizadores e assimiladores agiram intencionalmente por significados e interesses próprios para a ampliação da comunicação afirmando as suas identidades individuais e coletivas.

As experiências interativas entre surdos na escola possibilitaram a emergência de práticas culturais entre si. Geertz (1989) enfatiza a importância da cultura como interpretativa sob a ótica do praticante no sentido de que, esta sempre é intencional. Logo, é preciso ter maior atenção às práticas dos praticantes, pois estas são públicas e são ações carregadas de significados para o sujeito e para o seu coletivo e, ao mesmo tempo, visa atingir um objetivo. Os sensibilizadores foram importantes no estabelecimento das relações entre assimiladores, estas interações iam se fortalecendo a cada encontro no convívio, conforme a narrativa que se segue.

Eu chego à escola e lá há um grupo enorme de surdos. Foi muito difícil para mim a comunicação com os surdos. (...). Havia outra surda que falava alguma coisa, que oralizava alguma coisa, e que era a minha mediadora e acabava por me ajudar naquilo que era a interação com outros colegas surdos. Lembro que alguém deu-me o alfabeto em LGP. No dia seguinte eu já sabia fazer aquilo tudo e muito rápido, toda a gente. Dizia tudo que queria dizer através da datilologia, palavras soltas, eu não sabia gestos, mas usei e serviu-me da datilologia. ... Acabei por aprender língua gestual e desenvolvi-a com o convívio. (*Entrevistada – História surda*, data 20/11/2018).

A relação entre sensibilizadores e assimiladores favoreceu a sociabilidade das crianças nas suas interações sociais (Vigotsky, 1999). Para Lee e Bucholtz (2015), a socialização de pares confere um *status* ao especialista, um domínio particular das práticas sociais, as quais são partilhadas com os iniciantes. Esta relação entre sensibilizadores linguísticos e assimiladores constitui um novo olhar entre surdos no entendimento da surdez e das experiências vivenciadas no domínio das práticas culturais e linguísticas ao serem partilhadas entre os sujeitos surdos. A narrativa, ainda, indica o mediador surdo como relevante neste início de entrada do assimilador na interação entre os surdos.

O contacto entre sujeitos surdos narra a importância dos elementos na emergência da LGP da comunidade surda portuguesa pelo ambiente simbólico e a capacidade de explorar este ambiente (Brentari e Coppola, 2012). A aquisição e o desenvolvimento da língua na escola mostram a concentração de pessoas surdas que usam a língua com familiares e amigos, participantes desta comunidade.

A importância cultural da língua, e esta como parte integrante da nossa vida, fazem com que onde o contexto contribua para a interpretação das situações explícitas (Duranti, 2009).

No processo das trajetórias de vida, a exposição e a aquisição da linguagem são identificadas como experiências significativas de socialização, uma espécie de fio condutor (Geertz, 1997). Tal processo favorece ao sujeito descobrir-se como utilizador

da língua gestual com senso de identidade ligada às pessoas surdas.

A cultura atua como parte do ambiente criado pelo Homem, encontrando-se dividida em cultura material (produtos feitos pelo Homem como roupas e ferramentas) e subjetiva (ideias, valores, suposições, atitudes e crenças) (Triandis, 2010). O nosso comportamento mostra como incorporamos a nossa cultura, a qual inclui muitas práticas.

No contexto histórico das experiências de aprendizagens informais, os sujeitos assimiladores aprendiam a LGP com os significados familiares de uso daquele contexto relativo ao grupo, tornando-se utilizadores e praticantes da LGP. Também as formas de interações no ambiente linguístico lhes permitiam brincar, conversar, tirar dúvidas e ampliar o vocabulário mediante as necessidades do convívio entre crianças e jovens surdos.

Estas interações foram essenciais para os assimiladores que, na sua maioria, estiveram por muito tempo a sentir-se como um peixe fora d'água, pela falta de familiaridade nas interações sociais com o mundo. Tais situações são similares à do peixe fora d'água descrita por Kalevo Oberg (1954) ao falar do choque cultural por meio da expressão “He or she is like a fish out of water”, ou seja, “ele ou ela é como um peixe fora d'água”. Assim, quando um sujeito entra numa cultura estranha, pistas familiares são removidas, pelo que as pessoas rejeitam o ambiente devido ao desconforto, ou buscam um ambiente de regressão que se aproxima ao seu anterior.

No caso dos surdos na escola, os encontros com uso da LGP os tornaram conectados e familiarizados com a condição da surdez e utilização da LGP. Os sensibilizadores atuaram como transmissores, mediadores e modelo formador ao sensibilizarem os demais.

Os encontros entre sensibilizadores e assimiladores em ambientes sociais trouxeram a reflexão da semelhança, da diferença e de quem são, pois todos pertencem não apenas a um agrupamento social, mas também ao contexto do mundo social da cultura portuguesa com ouvintes, e a comunidade de pessoas surdas.

Então, a diferença quanto aos surdos, à origem familiar e à exposição a LGP era entendida e percebida nos encontros na

escola entre os surdos utilizadores, e os iniciantes no processo de interação entre os surdos. Ressalta-se, que os encontros entre surdos na escola não significaram um encontro intercultural, mas um encontro entre surdos heterogêneos e conectados a uma forma de organização social ligada à condição da surdez, à aquisição da LGP e as práticas culturais surdas no ambiente escolar.

No primeiro momento na escola, temos a situação de contacto entre utilizadores surdos num universo heterogêneo, o que significa que o contacto propiciado pela exposição da LGP estabeleceu interações ligando-os por relações. As interações entre os utilizadores apresentavam diversos níveis de conhecimento da LGP, através do contacto direto entre os diferentes, o que influenciou no estabelecimento de laços sociais.

A consolidação da continuidade das experiências na escola permitiu a aquisição da LGP pelos utilizadores. Tais situações favorecem o uso da LGP pela emergência do trânsito dos assimiladores para uma participação mais efetiva nas relações de interação com outras crianças por meio da LGP.

A aquisição e a aprendizagem da LGP nas relações estabelecidas pelo convívio surdo propiciaram uma compreensão maior dos sujeitos na consciência de si como pessoa surda e no reconhecimento de si no grupo de pessoas surdas.

Tais experiências no convívio com surdos conduzem à referência de Skliar e Quadros (2000) que enfatizam que os surdos têm uma experiência visual e usam uma língua visual-espacial, favorecendo a sua percepção de si identificando-se como “Surdo”. Esta compreensão influenciou a visão da existência de duas formas de interações, uma na sociedade maior (ouvinte) e a outra com o grupo surdo, o que despertou os sujeitos para o sentido de pertença e de identidade.

Para Santana e Bergamo (2005), os falantes de uma mesma língua interagem mais que os falantes de línguas diferentes, daí que a criação de grupos de surdos acaba por ser um reflexo disso, mas nos grupos surdos também há a presença de ouvintes que usam a língua gestual.

Esta relação constitui um novo olhar entre os surdos pelo entendimento da sua condição da surdez não como única. O espaço escolar mostra-se como o local para constituir vínculos entre surdos

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

em que se conseguem exprimir mais intensamente na relação com o mundo social.

As narrativas mostram a situação da separação do ser surdo em casa e do ser surdo na escola é comparada à separação nas formas de interação dos sujeitos nestes espaços sociais.

No caso das crianças, as experiências de interação entre surdos resultaram numa aprendizagem da LGP e influenciaram na junção dos surdos pela semelhança da capacidade comunicativa entre eles, originando a perceção de si e dos outros, constituindo assim a visão de uma divisão existente entre surdos e ouvintes.

No processo das trajetórias de vida, a exposição e a aquisição da LGP são identificadas como experiências significativas da socialização. Estas são uma espécie de fio condutor que propiciaram um novo posicionamento de um sujeito que se descobre como utilizador da LGP e com senso de identidade ligada às relações com pessoas surdas.

As trajetórias de vida dos professores de LGP são vistas como singulares e históricas com semelhanças e diferenças que influenciam no modo como nos constituímos profissionalmente, e as experiências escolares são percebidas como decisivas nos caminhos que os levaram à profissão (Farias *et al.*, 2008).

A formação inicial do sujeito surdo é vista na relação da socialização pré-profissional, que compreende as experiências familiares e escolares dos professores (Tardif e Raymond, 2000), ou seja, a competência implícita ou espontânea (Almeida Filho, 1997) da formação de experiências anteriores, expectativas, crenças e influências de métodos de ensino prévios.

Assim, a história pessoal dos professores de LGP, na sua maioria, está integrada nas relações com os ouvintes, estabelecendo maiores vínculos com a comunidade surda a partir ou após a adolescência. Logo, a comunidade cresce sensibilizando (recrutando iniciados) os assimiladores, que vem de conjunturas distintas, por não partilhar uma história única.

A ligação de sensibilizadores e assimiladores, como um grupo de amizade e um pequeno grupo institucional (Holliday, 1999), expressa-se no comportamento coeso no agrupamento social. O acesso à língua, permitiu a interação com os demais surdos, mas também a compreensão de como entender e expressar a partir da

LGP e, em simultâneo, constituiu conhecimentos relativos ao contexto social em que se encontram.

Para Duranti (2009) a linguagem atua como um código para registar experiência na forma de organização social e como sistema de diferenciação.

Nesta direção, a interação face a face entre indivíduos desempenha um papel fundamental na interiorização das formas culturais (Oliveira, 1999). Nessa perspetiva, a cultura é percebida como uma espécie de plano de negociação onde os participantes estão em pleno movimento de recriação e reinterpretção de informações, conceitos e significados (Vygotsky, 1999).

Os indivíduos acessam os conhecimentos construídos e utilizados pelo grupo por meio da cultura, que é um sistema de símbolos constituído por uma teia de significados (Geertz, 1989), em que a linguagem atua como recurso cultural (Duranti, 1997).

Na prática, cultural escolar, a sociabilidade da criança é o ponto inicial das suas interações sociais com o mundo (Vygotsky, 1999), em que a linguagem é um recurso cultural, e percebe-se a importância da mediação. A mediação corresponde à “transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros [e] requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho” (Vygotsky, 1999, p. 7; interpolado nosso). A mediação atua como um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, onde a experiência pessoal ou a lembrança referente a situação orientada por outra pessoa.

A aquisição da LGP na escola decorreu como uma língua adquirida informalmente no convívio com surdos, e não ensinada (Moura, 2013), pela socialização de experiências compartilhadas com os surdos no contexto escolar e na adolescência houve a ampliação do uso da LGP pela entrada e permanência na associação, com surdos de todas as idades.

Na atualidade do contexto internacional as crianças e jovens surdos já aprenderam a língua gestual em diferentes grupos constituintes, como professores, famílias e amigos, com a língua já formalizada no ensino (Rosen, 2020). E em Portugal, adotou-se a perspetiva da educação inclusiva (Decreto-Lei n.º 16/2018, de 7 de

março) para propor uma escola para todos, e trouxe mudanças na educação de surdos ao assumir o modelo da educação bilingue.

Este modelo da educação bilingue foi organizado no Decreto-Lei n.º 03/2008, de 7 de janeiro, que assume a educação inclusiva e bilingue estruturando as escolas de referência para educação bilingue de crianças e jovens surdos, com os espaços educativos e organização do ensino inclusivo e bilingue, da pré-escola ao ensino secundário, introduzindo a Língua Gestual Portuguesa como primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa para Surdos, como segunda língua (L2). Esta legislação propiciou o desenvolvimento linguístico, a adequação ao currículo e a inclusão escolar (Almeida, 2024). O Decreto n.º 54/2018, de 6 de julho, não traz novas normas, mas valoriza o atendimento aos alunos surdos em espaços de referência (Almeida & Cruz-Santos, 2022).

A LGP já foi introduzida no ensino formal de crianças e jovens surdos. Os surdos estudam em escolas, sejam de referência em educação de surdos ou que atendam a alunos surdos, ambas possibilitando o encontro entre surdos em processos de aprendizagem da LGP formalizada. A interação nas escolas ocorre nos intervalos e nas salas de aulas específicas para surdos, com a presença de professores surdos e ouvintes, e outros profissionais que realizam atendimento educacional específico para estudantes surdos.

A escola mostra-se como um espaço importante para o convívio das crianças e jovens surdos para a aquisição da LGP entre surdos, quando na altura a LGP ainda não era ensinada na escola.

Por fim, consideramos que as experiências dos professores de LGP ligadas às suas condições da formação inicial como sujeito surdo e as formas de interação entre surdos e ouvintes na escola foram importantes por serem experiências espontâneas singulares ao constituírem práticas sociais ligadas às situações culturais, identitárias e linguísticas localizada num tempo e espaços.

Hoje, a escola tornou-se um ambiente linguístico para os surdos, a LGP atua como língua de instrução e comunicação, como L1, e o português escrito, como L2. A escola tem promovido experiências diferenciadas através do ensino bilingue com a

presença de diversos profissionais com formação diferenciada para atender as necessidades de aprendizagem dos estudantes surdos.

Referências

Afonso, C. (2008). Formação de professores para a educação bilíngue de surdos. *Saberes (e) Educar*, 3, 159-169. ESSE de Paula Frassinetti.

Almeida, V. L. F. (2021). *Educação de surdos em Portugal: os sentidos na construção de identidades, na formação de professores e nas pedagogias no ensino de LGP*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Almeida, V. L. F. (2024). Identidade profissional e prática docente no ensino da língua gestual portuguesa em Portugal. *Sisyphus journal of education*, 12(1), 154-176.

Almeida, W. G.; Cruz-Santos, A. (2022). Educação bilíngue para surdos no Brasil e em Portugal: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista Portuguesa de Educação*, 35(2), 332-355.

Almeida Filho, J. C. P. (1997). *A abordagem orientadora da ação do professor. Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. Campinas, SP (Brasil): Pontes.

Bamberg, M. (2016). Language, interaction, and culture. In Miller, H. (Ed.), *The Sage encyclopedia of theory in Psychology* (pp. 497-500). Thousand Oaks – CA (USA): Sage Publications.

Bamberg, M. (2015). Who Am I? Narration and its contribution to self and identity. In Gough, B. *Qualitative research in psychology* (Vol. III: Methodologies 1 – From experiential to constructionist approaches, pp. 233-256). Thousand Oaks – CA (USA): Sage Publications.

Bamberg, M. (2007). *Narrative Analysis and Identity Research: A Case for ‘Small Stores’* (unpublished manuscript).

Bamberg, M. (2007). In Bamberg, M. (Ed.), *Narrative - State of the art* (pp. 165-174). Amsterdam (The Netherlands): John Benjamins.

Bamberg, M. (1997). Positioning Between Structure and Performance. *Journal of Narrative and Life History*, 7(1-4), 335-342.

Bamberg, M.; Georgakopoulou, A. (2008). Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*, 28(3), 377-396.

Brentari, D.; Coppola, M. (2012). What sign language creation teacher’s us about language. *Wires congsci*, 1-11. doi: 10.1002/wcs.1212

Davies, B.; Harré, D. (1990). Positioning: The Discursive Production of Selves. *Journal for Theory of school behavior*, 20(1), 43-63.

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). *Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas*. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

Decreto-Lei n.º 03 de 2008 de 7 de janeiro. Diário da República 1.^a série n.º 4. *Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo.*

Decreto-Lei n.º 16/2018 de 7 de março. Diário da República n.º 47/2018, Série I de 2018-03-07, páginas 1192 – 1196. *Cria o grupo de recrutamento da Língua Gestual Portuguesa e aprova as condições de acesso dos docentes da Língua Gestual Portuguesa ao concurso externo de seleção e recrutamento do pessoal docente.*

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. Diário da República, 1.^a série n.º 129 - 6 de julho de 2018. *Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva.*

Dorzat, A. (2011). *Estudos surdos: diferentes olhares.* Porto Alegre (Brasil): Mediações.

Duranti, A. (2009). *Antropología lingüística: language as a non-neutral medium.* To appear in the Cambridge Handbook of sociolinguistics. Cambridge (UK): Cambridge University Press, Edited by Raj Mesthrie.

Duranti, A. (1997). *Antropología lingüística.* Cambridge University Press. (Traducción Pedro Tena). Madrid (España): Ediciones Akal.

Farias, I. M. S. et al., (2008). *Didática e docência: aprendendo a profissão.* Campinas, SP (Brasil): Liber Livro.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro (Brasil): LTC.

Geertz, C. (1997). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.* Petrópolis (Brasil): Vozes.

Holliday, A. (1999). Small culture. *Applied Linguistics*, 20(1/2), 273-264. Oxford (UK): Oxford University Press. <http://adrianholliday.com/wp-content/uploads/2016/06/holliday-99-saml-culture.pdf>.

Lee, J. S.; Bucholtz, M. (2015). Language Socialization Across Learning Spaces. *The Handbook of classroom Discourse and interaction*, First Edition. New Jersey (USA): Edited by Numa Markee. John Wiley & Sons, Inc. Published by John Wiley & Sons Inc.

Ludcke, M. (1986). *Pesquisa qualitativa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo (Brasil): EPU.

Moura, M. C. (2013). Surdez e linguagem. In Lacerda, C. B. F.; Santos, L. F. (org.). *Tenho um aluno surdo e agora? Introdução a Libras e educação de surdos* (pp. 13-26). São Carlos (Brasil): Edufscar.

Oberg, K. (1954). *Culture Shock.* Presented to the Women 's Club of Rio de Janeiro, Brazil, no 3 de agosto de 1954. Rio de Janeiro (Brasil): All rights reserved.

<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=c787fddd7e1557f100b9703a41f6f5ae2dac0412>

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). *Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas.* DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

Oliveira, M. K. (1999). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo (Brasil): Scipione.

Quadros, R. M.; Cruz, C. R. (2011). *Língua de sinais instrumento de avaliação*. Porto Alegre (Brasil): Artmed.

Quadros, R. M. (1997). *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre (Brasil): Artmed.

Rosen, R. S. (2020). *The Routledge handbook of sign language pedagogy*. London (UK): Routledge.

Santana, A. P.; Bergamo, A. (2005). Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc. Campinas*, 26(91), maio/ago, 565-582.

Silveira, A. P.; Coelho, O.; Nascimento, I. P. (2017). *A interface entre o processo formativo docente e a prática de ensino de Língua Gestual Portuguesa*. Porto (Portugal): Universidade do Porto - Centro de Investigação e intervenção Educativas (CIIE).

Skliar, C.; Quadros, R. M. (2000). Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. *Estilos clin* [online]. 5(9), 32-51. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v5i9p32-51>

Skliar, C. (1999). *Atualidade da educação bilingue para surdos*. Porto Alegre: (Brasil) Mediação.

Spadafora, S.; Côrte, B. (2013). A surdez: uma analogia com a velhice. In Coelho, O.; Klein, M. (2013) *Cartografia da Surdez: Comunidade, línguas, praticas e pedagogia* (pp. 261-272). Porto (Portugal): Universidade do Porto.

Tardif, M.; Raymond, D. (2000). Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 73, Dez/00, 209-244.

Triandis, H. C. (2010). *Cultur and Conflit. International Journal of Psychology* (First published), 1, 145-152, 21 September. 10.1080/002075900399448

Vygotsky, L. S. (1999). *Pensamento e linguagem*. São Paulo (Brasil): Martins Fontes.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Madrid (Espanña): Bookman.

Para saber mais da autora...

Veronica Lima da Fonseca Almeida

Professora do Instituto Federal de Brasília (Brasil).

Doutora em Ciências da Educação - Universidade do Porto (Portugal).

Mestre em Educação Ambiental - Universidade de Brasília (Brasil).

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). *Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas*. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

Especialista em Atendimento e Educação de Surdos em Espaços Escolares- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Brasil).
Especialista em Língua Brasileira de Sinais - Faculdade Alvorada (Brasil).
Licenciada em Pedagogia - Universidade Estadual da Paraíba (Brasil).
Licenciada em Letras Libras - Centro Universitário Leonardo Da Vinci.
Desenvolve investigação em Educação Inclusiva e bilingue, Pedagogia Surda, cultura e identidade docente, e ensino bilingue para surdos.

Como citar este artigo...

Almeida, Veronica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. *DEDiCA. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 22, 403-423.
DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>

Almeida, Verónica Lima da Fonseca (2024). Experiências singulares de Professores de LGP: a formação de sujeitos surdos e a interação entre surdos em Escolas Portuguesas. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 403-423. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.31099>